

A MOTIVAÇÃO DO ALUNO - DESAFIOS E PERSPECTIVAS

WAGNER BARROSO ROMÃO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE

DARCY RIBEIRO

CAMPOS DOS GOYTACAZES-RJ

AGOSTO - 2015

A MOTIVAÇÃO DO ALUNO - DESAFIOS E PERSPECTIVAS

WAGNER BARROSO ROMÃO

"Monografia apresentada ao Centro de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, como parte das exigências para obtenção do título de Licenciatura em Química."

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosana Giacomini

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE

DARCY RIBEIRO

CAMPOS DOS GOYTACAZES-RJ

AGOSTO - 2015

A MOTIVAÇÃO DO ALUNO - DESAFIOS E PERSPECTIVAS

WAGNER BARROSO ROMÃO

"Monografia apresentada ao Centro de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, como parte das exigências para obtenção do título de Licenciatura em Química."

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Cibele Maria Stivanin de Almeida – LCQUI/UENF

Profa. Dra. Denise Ribeiro dos Santos – LCFIS/UENF

Profa. Dra. Rosana Giacomini – LCQUI/UENF - orientadora

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e permitir que tenha estudado na UENF. Creio firmemente que tudo que se passou durante essa graduação com a permissão Dele, ajudou a melhorar e fortificar ainda mais o meu caráter.

A minha família: minha esposa Jomara, minha filha Vitória, meus pais Valmir e Margarete, meu irmão Ediandro e a minha sogra Conceição pelo incentivo e apoio em todos os momentos.

A orientadora desse trabalho, Rosana Giacomini, pela disposição e paciência para me direcionar em um tema de tamanha relevância para todos nós educadores.

A todos os amigos da UENF com quem tive a satisfação de dividir os estudos e aprender valiosas lições.

EPÍGRAFE

“Não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho.”

Paulo Freire

RESUMO

Buscando lançar luz sobre o assunto motivação escolar, foi realizada uma breve revisão bibliográfica, para posteriormente refletir pontos relevantes ao assunto tais como: a motivação na escola, tipos de motivação, como aumentar/melhorar a motivação de um aluno, entre outros. A visão sociocognitivista do homem influenciou fortemente a “Teoria de metas de Realização” - teoria moderna que tenta explicar de maneira ordenada o porquê de ações específicas do homem, que agora tem sua personalidade passível de ser alterada/moldada pelo ambiente em que se encontra. Essa teoria é importante pelo fato de nortear as pesquisas nos dias atuais nesse campo. Após definida a teoria juntamente com outros conceitos, discutimos a forma correta de organização da escola bem como os fatores que devem acompanhar as atividades desenvolvidas nas escolas para melhorar/aumentar a motivação dos alunos. Durante uma análise crítica da teoria e analisando os problemas enfrentados no cotidiano escolar surgiu uma suposição: "A motivação do aluno está diretamente ligada à motivação do professor". Apresentamos estudos onde o lúdico, como ferramenta pedagógica, se mostrou satisfatoriamente proveitoso, incrementando a motivação dos alunos. Por último, e não menos importante, achamos e refletimos sobre alguns pontos comuns entre os pensamentos de dois importantes educadores brasileiros (Rubem Alves e Paulo Freire) com a motivação na escola. Percebemos que melhorou consideravelmente nosso entendimento sobre a motivação no âmbito escolar.

Palavras-chave: Motivação do aluno, satisfação escolar, motivação intrínseca/extrínseca, recursos pedagógicos.

ABSTRACT

Seeking to cast light about school motivation, It has done a brief literature review and we reflect relevant points to the subject such as: motivation in the school, types of motivation, how to increase/improve the motivation of a student, among others. The sociocognitivism vision of man strongly influenced the theory of "Realization of Goals" - modern theory that tries to explain in an orderly way the reason of specific actions of the man, who now has his personality liable to be changed/molded by the environment. This theory is important because guide the research in this field nowadays. After defined the theory and other concepts, we discuss the proper way to organize the school and the factors that should follow the activities in schools to improve/increase student motivation. During a critical analysis of the theory and analyzing the problems faced in school's life a thought appears: "The student motivation is directly linked to teacher motivation". We introduce studies where the playful, as a pedagogical tool, proved satisfactorily profitable, increasing student motivation. Last but not least we think and reflect on some points between the thoughts of two important Brazilian educators (Rubem Alves and Paulo Freire) with motivation at school. We realized that greatly improved our understanding about motivation in the school.

Keywords: Student's motivation, school satisfaction, intrinsic/extrinsic motivation, learning resources.

LISTA DE TABELAS

| | |
|---------------|----|
| Tabela 1..... | 18 |
|---------------|----|

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS..... | 01 |
| 2.A MOTIVAÇÃO..... | 04 |
| 2.1. A motivação na sala de aula..... | 05 |
| 2.2. Motivação intrínseca/extrínseca e metas de realização..... | 08 |
| 2.3. Organização da escola x Motivação..... | 16 |
| 2.4. Inteligência x Motivação..... | 19 |
| 3. FERRAMENTAS MOTIVACIONAIS..... | 22 |
| 3.1. Melhorando a motivação na sala de aula..... | 24 |
| 3.2. Motivação e o uso do lúdico..... | 26 |
| 3.3. Dois educadores e um mesmo ideal..... | 29 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 32 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 34 |

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O processo de ensino-aprendizagem quando analisado como um todo é extremamente complexo, envolvendo um grande número de variáveis como: ambiente da escola (estrutura física da escola), formação do corpo docente, experiências anteriores dos alunos, motivação dos professores e alunos, entre outros. Todos os aspectos citados têm sua importância, e com a motivação não poderia ser diferente. A motivação é considerada mecanismo de grande importância para todo o processo de ensino-aprendizagem, seria difícil para um estudante, independente do nível/idade, conseguir chegar ao fim do percurso e alcançar todos os objetivos que se esperam dele, sem ela.

Segundo Boruchovitch e Neves (2004) a motivação, na escola, é o motor que leva o aluno a estudar, iniciar os trabalhos e continuar neles até o seu final. A autora complementa: a motivação produz efeito na percepção, na atenção, na memória, no pensamento, no comportamento social e emocional, além de afetar a aprendizagem e o desempenho do indivíduo. Em geral, praticamente todos os processos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem podem sofrer influência da motivação.

A motivação é um construto extremamente complexo da Psicologia e igualmente difícil de estudar. Como citado por Todorov e Moreira (2005) alguns campos da Ciência possuem interesse na motivação como objeto de estudo: Psicoterapia, Psicometria e Teorias da aprendizagem. Não excluimos aqui outros campos da ciência que porventura possuem sinergia com o construto motivação, tampouco entraremos em detalhes na discussão do "novo" conceito de motivação abordado naquele trabalho. O foco dessa monografia será refletir sobre a motivação e como ela pode colaborar para melhoria no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Guimarães (2009) quando observamos um aluno aparentemente desmotivado logo imaginamos várias situações que poderiam ter contribuído para isso. O referido aluno poderia ter problemas familiares, financeiros, afetivos, com drogas, gostar mais de outras atividades fora da escola como jogos, cinema, entre outros. A autora complementa defendendo que usualmente ocorre um arranjo entre esses fatores, cada qual com sua intensidade, sendo que os eventos ocorridos na escola têm um peso ainda maior.

Educar hoje no Brasil e no mundo é um grande desafio. Esse desafio é encarado por muitos professores, sem os recursos, conhecimentos e motivação adequados. Recentemente pesquisas no âmbito da Psicologia escolar estão criando subsídios para que os professores possam ensinar/educar e também motivar seus alunos da melhor maneira possível. Motivar os alunos é uma tarefa difícil e os autores consultados para esse trabalho corroboram com essa ideia.

Como podemos motivar os alunos nos dias de hoje? Que ferramentas podem ser utilizadas para cativar os alunos e ajudá-los a despertar e manter um estado de motivação?

O tema desse trabalho foi escolhido em função da sua relevância no âmbito escolar, já que manter alunos motivados em sala de aula poderá melhorar seu desempenho acadêmico, bem como melhorar outros aspectos cotidianos. Por interesse da pesquisa voltaremos os esforços de busca particularmente para motivação na escola, mas esse tema é de extrema relevância também na vida das pessoas.

Apesar da complexidade da tarefa, é muito importante analisar/medir a motivação dos alunos. Cada região, cada cidade, cada escola têm suas particularidades, e ignorá-las certamente seria um grande equívoco por parte do professor.

Analisar a motivação de alunos em contexto escolar é uma tarefa extremamente importante, visto que, ajuda a direcionar de forma correta os vários recursos didáticos disponíveis para uma determinada realidade. Para Guimarães, Bzuneck e Sanches (2002) compreender os fatores relacionados ao envolvimento dos estudantes com a aprendizagem escolar é uma tarefa considerada complexa, tendo em vista a pluralidade dos elementos presentes na situação.

O principal objetivo do presente trabalho é refletir sobre a motivação na escola e após essa reflexão discutir ferramentas/meios que possam aumentar/melhorar a motivação dos alunos. Visando alcançar o objetivo primário contemplaremos os seguintes temas secundários: Discutir sobre o uso do lúdico como ferramenta para aumento/melhoria da motivação; Refletir sobre algumas

idéias de educadores brasileiros consagrados (Rubem Alves e Paulo Freire) buscando uma interseção com a motivação na escola.

O presente trabalho foi realizado com base em uma revisão bibliográfica, onde tomamos como referencial a obra de Boruchovitch e Bzuneck (2009): "A motivação do aluno - Contribuições da Psicologia contemporânea". A obra citada não é um livro "regular", mas na verdade, é a união de diversos artigos científicos (nove no total) de diferentes autorias, organizados pelos dois autores acima que estão entre os mais respeitados nesse campo no Brasil, além de outros trabalhos como: teses de mestrado, monografias e artigos sobre a motivação. Pautaremos a reflexão quanto ao uso do Lúdico x Motivação em dois trabalhos singulares: Tese de doutorado de Crespo (2014): "Implantação de ludotecas de química para o ensino médio em colégios públicos de Campos dos Goytacazes e região". Tese de mestrado de Cardoso (2008): "Motivação escolar e o lúdico: o jogo de RPG como estratégia pedagógica para o ensino de história". Por último e não menos importante tomaremos alguns dos pensamentos e ideias de dois célebres educadores brasileiros (Rubem Alves e Paulo Freire) na tentativa de encontrar pontos comuns ao nosso trabalho, ou seja, aumento/melhoria da motivação.

2. A MOTIVAÇÃO

"Toda ação humana é direcionada a um fim e movida em razão de fatores internos ou externos. Portanto, a realização de uma atividade independentemente da natureza em que ela se apresente, necessita de um movimento que a impulse, seja este de ordem física ou mental (MAIESKI, 2011, p.37)."

Segundo Cardoso (2008, apud, DAVIDOFF, 1983) para definição da expressão motivação em Psicologia são usados alguns termos como "vontade", "necessidade", impulso de formas próprias. Esses termos são construtos, recursos internos hipotéticos que não podem ser observados diretamente e parecem elucidar o comportamento humano.

A origem da palavra nos dá uma dica sobre sua aplicação no tocante de atividades praticadas pelo homem, a palavra deriva do verbo latino *movere*. Assim, de forma resumida, a motivação é aquilo que move a pessoa ou que a coloca em ação (Bzuneck, 2009).

Para entendermos melhor o que seja motivação, Bzuneck (2009, apud, MAEHR & MEYER, 1992) propõe a metáfora de investimento pessoal:

"Toda pessoa dispõe de certos recursos pessoais, que são tempo, energia, talentos, conhecimentos e habilidades, que poderão ser investidos numa certa atividade. Esse investimento pessoal recairá sobre uma atividade escolhida e será mantido enquanto os fatores motivacionais estiverem atuando (BZUNECK, 2009, p.10, apud, MAEHR & MEYER, 1992)."

A motivação atua em nossas vidas desde muito cedo e no âmbito escolar é objeto de suma importância para o bom desenvolvimento dos alunos. Para Bzuneck e Cavenaghi (2009) a motivação é um aspecto importante da aprendizagem na sala de aula, já que o valor e a intensidade do envolvimento para aprender dependem dela.

Segundo Maieski (2011, apud, STIPEK, 1998) a motivação é considerada inerente a toda pessoa, mas ela não funciona exatamente da mesma maneira em cada indivíduo. A autora defende que isso ocorre em função de que cada pessoa possui peculiaridades únicas. Assim sendo, um trabalho difícil para um estudante pode não ser tão difícil assim para outro. E ela conclui: "... o desenvolvimento da

motivação pode acontecer como consequência dos diferentes ambientes sociais em que os alunos estão inseridos (MAIESKI, 2011, p. 38)".

A importância da pesquisa sobre motivação para a aprendizagem fica cada vez mais evidenciada quando discursamos sobre ela. É preciso também discutir e investigar, principalmente no que diz respeito aos métodos e ferramentas de ensino para alcançar assim níveis bons e corretos de motivação. Além da discussão/pesquisa desses métodos, deve-se buscar também de forma organizada a introdução desses no ambiente escolar. Afinal qual o propósito de possuir ferramentas que não servem para alterar a realidade que vivemos para melhor?

2.1. A motivação na sala de aula

"(...) em todos esses esforços, a Psicologia Educacional tem como sua primeira finalidade a compreensão e a melhora da educação, particularmente no contexto escolar, em sala de aula. Em outras palavras, essa disciplina busca descobrir problemas, situá-los, defini-los e compreendê-los, sinalizando soluções práticas (BZUNECK , 1999, p.2)."

A motivação na escola é apenas um dos elementos constituintes do processo de ensino-aprendizagem, porém, grande importância é atribuída a ela, já que um aluno motivado manterá todo ou a maior parte do seu foco/atenção na conclusão das tarefas indicadas pelos professores.

Para Siqueira e Wechsler (2006, apud, PFROMM, 1987; DECI, VALLERAND, PELLETIER&RYAN, 1991; LENS, 1994; PINTRICH e SCHUNK, 2002) quando tratamos de motivação para aprender é necessário observar as características do ambiente escolar, as tarefas e atividades que ocorrem nesse ambiente estão relacionadas a processos cognitivos como: capacidade de atenção, concentração, raciocínio, processamento de informações e resolução de problemas. Entendemos que "observar as características do ambiente escolar", incluem tanto a escola em si, como a sociedade que à cerca. É provável que, ao analisar escolas dentro de uma mesma cidade ou até um mesmo bairro, encontraríamos diferenças entre elas.

Outros autores também compartilham essa visão de que, para analisar a motivação na escola, é necessário observar os detalhes desse meio específico, como fica claro na citação seguinte:

"A motivação do aluno, portanto, está relacionada com trabalho mental situado no contexto específico das salas de aula. Surge daí a conclusão de que seu estudo não pode restringir-se à aplicação direta dos princípios gerais da motivação humana, mas deve contemplar e integrar os componentes próprios de seu contexto (BZUNECK & BORUCHOVITCH, 2009, p.11, apud BROPHY, 1983)."

Por ser um construto muito complexo é extremamente difícil determinar com exatidão se um aluno está motivado ou não. Tomando por exemplo um professor de Química que interage aproximadamente 100 minutos por semana com uma classe, fica ainda mais claro o tamanho desse desafio. É necessário cuidado ao concluir sobre o comportamento/motivação desse ou daquele aluno, Bzuneck nos lembra:

"Existem alunos que parecem estar muito atentos em classe, quando sua mente está realmente ocupada com assuntos totalmente estranhos. Certos comportamentos desejáveis na sala de aula e até um desempenho escolar satisfatório podem mascarar sérios problemas motivacionais, enquanto que um mau rendimento em classe pode, às vezes, não ser causado simplesmente por falta de esforço, ou seja, por desmotivação (BZUNECK, 2009, p.14 apud STIPEK, 1993)."

Até aqui nos referimos diversas vezes a ferramentas ou meios de melhorar/aumentar a motivação. Por que dizer melhorar? A motivação não deveria ser apenas aumentada? Na verdade, quando nos referimos a problemas com a motivação, evidenciamos que ela pode ser de ordens diferentes. Como há um grande número de problemas que podem ser gerados pela motivação Bzuneck (2009, apud, AMES, 1990; AMES & AMES, 1984; BROPHY, 1983) considera correto classificar a motivação por duas perspectivas diferentes: quantitativa e qualitativa. Analisando de forma simples todos os problemas motivacionais em sala de aula, eles sempre estarão ligados a um desses fatores ou aos dois fatores simultaneamente. Sob o ponto de vista quantitativo da motivação podemos ter uma motivação maior ou menor. É normal quando um aluno tem sua motivação ligeiramente reduzida/aumentada, dependendo do tópico que está sendo estudado, ou até do professor a ministrar aquele conteúdo. Porém um aluno com motivação

baixa ou nula por um longo período provavelmente acarretaria em um fraco desenvolvimento acadêmico ou pior, como repetência e evasão escolar.

O outro lado da moeda, uma motivação excessivamente elevada, também não será o melhor cenário em que um aluno poderia se encontrar, já que para Bzuneck (2009) a relação quantidade de Motivação x Desempenho escolar não é linear. Apresentar um nível muito alto de motivação pode até ser satisfatório para tarefas simples, que dependam apenas de habilidades motoras. Imagine como exemplo a motivação para correr/fugir de algum animal selvagem ou arrambar uma porta. Quanto maior fosse a motivação melhor seria o desempenho na tarefa. Quando tratamos de tarefas complexas, ou seja, todas aquelas relacionadas ao processo de ensino aprendizagem como: percepção, raciocínio, memória, um nível muito alto de motivação levará a fadiga. Caso esse nível de motivação seja extrapolado e alcance níveis ainda mais elevados poderá surgir o sentimento de ansiedade. O autor lembra que a ansiedade irá prejudicar o raciocínio e atrapalhar a recuperação de informações na memória acarretando em uma performance acadêmica ruim.

Para Bzuneck (2009) quando analisamos a quantidade de motivação de um aluno no desempenho das tarefas propostas, a motivação ideal não deverá ser muito baixa, mas também não poderá ser excessivamente alta. As duas extremidades são ruins para o processo de ensino-aprendizagem.

Acreditamos também que não existe um nível ideal "universal" de motivação. Como já foi citado, uma motivação muito baixa ou muito alta poderá levar a um desempenho acadêmico ruim, porém, quando tratamos de indivíduos com motivação "normal", esta não determinará sozinha o sucesso/fracasso acadêmico. Para que fique claro, tomemos um exemplo numérico: uma pessoa com uma motivação de 80% poderia ter o mesmo desempenho acadêmico ao de uma pessoa com uma motivação de apenas 65%. Isso nos lembra que além da motivação diversos fatores trabalham juntos para determinar o sucesso escolar: experiências anteriores, perseverança, recursos pedagógicos, técnicas de estudo, acompanhamento e incentivo da família, professores, entre outros.

A segunda perspectiva para analisarmos os problemas na motivação é a qualitativa. Assim como na quantitativa, se a qualidade da motivação não for

adequada, poderá levar o indivíduo a um desempenho acadêmico ruim. Às vezes os alunos estão motivados, mas por motivos errados. Bzuneck (2009) ressalta:

"Incluem-se nessa categoria os alunos que fazem rápido as tarefas com o objetivo de entregar logo, mesmo com baixa qualidade, fato que absolutamente não os preocupa. Outros vivem demasiadamente preocupados com notas, com diploma ou certificado ou com a ameaça de reprovação na série escolar ou na disciplina. Outros ainda visam a não aparecerem como incompetentes; ou a aparecerem como os melhores ou os primeiros da classe, o que explica o fato de muitos alunos concluírem rápido demais a atividade exigida (BZUNECK, 2009, p. 18)."

O aluno poderá sim aprender os conteúdos mesmo possuindo alguma alteração na qualidade da motivação, como no exemplo acima. Porém é provável que o rendimento fosse melhor caso essas distorções fossem contornadas. O autor complementa que normalmente as distorções na qualidade da motivação são acompanhadas de emoções negativas como frustração, irritação, medo do fracasso, que atrapalham ainda mais o desempenho escolar (BZUNECK, 2009, apud, NAVEH-BEN-JAMIN et al., 1987; SYLWESTER, 1994).

"A questão motivacional talvez explique porque alguns estudantes gostam e aproveitam a vida escolar, apresentando comportamentos adequados, adquirindo novas capacidades e desenvolvendo todo o seu potencial, enquanto que outros parecem pouco interessados, muitas vezes fazendo as atividades por obrigação, ou de forma relaxada e, em alguns casos, odiando boa parte da vida escolar (SIQUEIRA & WECHSLER p.2, 2006, apud, GARRIDO, 1990; LENS, 1994)."

2.2. Motivação intrínseca/extrínseca e metas de realização.

As pesquisas realizadas utilizando teorias sócio-cognitivas como referência mostraram a existência de duas orientações motivacionais principais: Motivação intrínseca e motivação extrínseca. Segundo Boruchovitch e Neves (2004) a motivação intrínseca é definida assim:

"A motivação intrínseca configura-se como uma tendência natural para buscar novidades e desafios. O indivíduo realiza determinada atividade pela própria causa, por considerá-la interessante, atraente ou geradora de satisfação. É uma orientação motivacional que tem por característica a autonomia do aluno e a auto-regulação de sua aprendizagem (BORUCHOVITCH; NEVES, 2004, p. 79 apud COKLEY, 2000; DECI & RYAN, 1995; RIGBY, DECI & PATRICK & RYAN, 1992; RYAN & DECI, 2000, ab; RYAN & STILLER, 1991)."

Após introduzir o conceito de motivação intrínseca iremos de forma breve citar as teorias motivacionais que levaram a criação daquele conceito. Segundo Guimarães (2009) a definição atual de motivação intrínseca é fundamentada nas seguintes teorias da motivação: Motivação para competência, teoria da autodeterminação e teoria da avaliação cognitiva. A motivação para a competência seria a força que nos leva a agir de modo competente em nosso meio (BORUCHOVITCH, 2009, apud WHITE, 1975). Já a Teoria da autodeterminação define que somos direcionados por algumas necessidades psicológicas básicas e a Teoria da Avaliação Cognitiva propõe verificar as circunstâncias que levaram a uma orientação motivacional (BORUCHOVITCH, 2009).

Parece um tanto claro que alunos motivados intrinsecamente gozarão sempre de maior facilidade no processo de ensino-aprendizagem. Como eles sentem que a recompensa está na própria atividade, normalmente eles estarão mais motivados, não temerão erros e fracassos (isso nem passa pela sua cabeça), escolherão atividades que desenvolvam suas habilidades, etc. Para Guimarães (2009) um aluno intrinsecamente motivado possuirá os seguintes atributos: boa concentração, outros problemas pessoais não interferem na atividade, não sofre com pressão externa ou sentimentos negativos, busca novos desafios e o resultado do trabalho aos olhos dos outros não é o mais importante, mesmo que tenha orgulho por um bom resultado. A autora acrescenta:

"Talvez pareça utópico encontrar alunos com tal padrão motivacional em relação aos conteúdos escolares. No entanto, podemos procurar na memória situações nas quais, como estudantes, estivemos totalmente absorvidos, sentindo muita satisfação por realizar uma atividade ou projeto escolar. Mesmo reconhecendo que as atividades propostas no cotidiano de sala de aula nem sempre podem ser geradoras de tais sentimentos ou comportamentos, o conhecimento dos determinantes da motivação intrínseca pode auxiliar os professores a oportunizarem sua ocorrência nas situações escolares (GUIMARÃES, 2009, p.39)."

Talvez não seja tão utópico assim encontrar alunos com tal padrão motivacional. A depender da idade e da maturidade emocional dos alunos, talvez alguns não tenham nem "maturidade" para perceber que estão completamente absorvidos pelo conteúdo que estão estudando. Se olharmos para trás e lembrarmos alguns professores que marcaram a nossa vida escolar positivamente, certamente recordaremos de professores que geraram em nós essa "utopia" de

atributos positivos que, conseqüentemente, nos impulsionaram a estudar mais e mais, acreditar em nosso potencial e não temer o fracasso, nos levando a um bom desempenho acadêmico, ou seja, todos nós estivemos, algum dia, motivados intrinsecamente durante as aulas daquele professor(a) predileto.

Para Guimarães (2009) as pesquisas atuais voltaram mais sua atenção para a motivação intrínseca, deixando a definição de motivação extrínseca menos refinada.

"(...) a motivação extrínseca tem sido definida como a motivação para trabalhar em resposta a algo externo à tarefa, como a obtenção de recompensas externas, materiais ou sociais, em geral, com a finalidade de atender solicitações ou pressões de outras pessoas, ou de demonstrar competências e habilidades (BORUCHOVITCH; NEVES, 2004, p. 79 apud COKLEY, 2000; DECI & RYAN, 1995; RIGBY, DECI & PATRICK & RYAN, 1992; RYAN & DECI, 2000, ab; RYAN & STILLER, 1991)."

Guimarães (2009, apud, CONNELL & DECI, 1985) ressalta que a motivação extrínseca pode levar o indivíduo a um comportamento que tem como características principais a autorregulação e a autonomia, características até então atribuídas apenas a pessoas motivadas intrinsecamente. A autora complementa que a motivação extrínseca pode ser desenvolvida através de alguns estágios ou *continuum*, já que todos nós temos predisposição a adicionar ao nosso comportamento essas características. Os estágios ou níveis são definidos assim: regulação externa, regulação introjetada, regulação identificada e regulação integrada.

"No ponto inicial, a regulação externa, o estudando buscaria razões externas, como pressões, incentivos ou recompensas para justificar seu envolvimento: "posso ter problemas se não o fizer". No segundo nível, a regulação introjetada é interna ao estudante porque não necessita da presença concreta do controle externo, mas permanece separada dos propósitos ou desejos do próprio indivíduo: "vou me sentir culpado se não o fizer". Na regulação identificada, o comportamento assinalado ou a regulação são percebidos e aceitos como pessoais: "envolvo-me porque acho importante fazê-lo". A regulação integrada, o nível mais elevado de desenvolvimento, refere-se ao caráter autônomo e autodeterminado da motivação extrínseca. As pressões ou incentivos externos são, nesse caso, percebidos como fonte de informação sobre as ações importantes a serem cumpridas e não como coerção (GUIMARÃES, 2009, p.47-48)."

Segundo Guimarães (2009, apud, CORDOVA & LEPPER, 1996; LEPPER & HODELL, 1989) é clara a mudança na perspectiva motivacional das crianças. Na medida em que se procedem às séries escolares é observada uma diminuição da motivação. Para resolver esse problema os professores fazem uso de recompensas externas com o objetivo de cativar novamente aqueles alunos a desempenhar as tarefas solicitadas.

Para Guimarães (2009, apud, SALISBURY-GLENNON e STEVENS, 1999) o senso comum atrapalha o julgamento dos professores quanto ao uso de recompensas externas. Segundo a autora por acreditar que a motivação "vem de dentro" e só pode ser alterada pelo próprio indivíduo, acabam fazendo uso de motivadores extrínsecos (recompensas, pressão por resultado, etc.).

A utilização de recompensas externas à atividade na escola deveria ser uma tarefa pensada e organizada com muito cuidado pelo professor, esse recurso que pode ser valioso em determinadas situações também possui também alguns problemas, conforme cita Guimarães (2009, apud, NERI, 1982, STIPEK, 1993, WOOLFOLK, 2000), pesquisas recentes apontam sete problemas principais:

- a). Estímulos externos serão percebidos de formas diferentes. Cada aluno perceberá o estímulo a sua maneira e ficará motivado ou não com ele;
- b). É difícil recompensar alunos por tarefas específicas. Um aluno olhando para o caderno dele pode estar empenhado na tarefa ou com o pensamento longe da sala de aula;
- c). Uma determinada recompensa tem seu "valor" reduzido, caso tenha seu uso prolongado por muito tempo;
- d). É quase impossível determinar se o comportamento desejado surgiu em função da recompensa ou em função de outro fator interno/externo;
- e). Há uma luta desigual entre a escola e as recompensas que o próprio cotidiano dos alunos oferece, como: passear, utilizar redes sociais, jogar *video game*, assistir televisão, etc.;
- f). Os alunos podem receber as recompensas ou evitar punições sem utilizar-se de esforço motivacional verdadeiro, como "colar" numa avaliação, por exemplo;

g). Há prejuízo no desenvolvimento do comportamento intrínseco quando utilizadas ferramentas extrínsecas.

Chamamos a atenção para o problema de número cinco. Professores na convivência diária com seus alunos poderiam apontá-lo como maior vilão dentre todos os problemas levantados nas pesquisas. O argumento de Guimarães (2009) é muito claro:

"A simples comparação entre o desenvolvimento tecnológico das últimas décadas, facilmente observável em todas as situações cotidianas, e as limitadas ou escassas mudanças no sistema educacional tem produzido muitas anedotas. Nada engraçado, no entanto, é o esforço por parte dos professores para poder competir com tantas atrações do mundo fora dos muros da escola (GUIMARÃES, 2009, p. 50)."

Uma das anedotas que poderíamos citar, por exemplo, é aquela onde um homem foi congelado a 50 ou 60 anos atrás e agora foi descongelado. Ele vagaria pelas cidades desorientado, acharia graça de alguém falando ao telefone celular e não entenderia praticamente nada que ocorre onde quer que ele esteja. Porém, quando ele encontrasse uma escola, ele se sentiria novamente em casa ou novamente "situado" no tempo.

"Entre os mais potentes motivadores do comportamento humano em geral estão as metas ou propósitos que a pessoa tenha em mente atingir. O ser humano é dotado da capacidade singular de direcionar suas ações a metas definidas mentalmente, que podem ser de diversos tipos. Destacam-se entre elas as metas de realização, particularmente estudadas quando se trata de motivação dos alunos em sala de aula, tendo-se desenvolvido uma teoria específica que leva esse nome (BZUNECK, 2009, p.58, apud, SCHUTZ, 1994)".

A Teoria de Metas de Realização é uma teoria nova que busca explicar o porquê da escolha para realizar uma determinada tarefa. Diversos autores acreditam que o modo como a meta principal está orientada influencia no jeito como os alunos desenvolverão os trabalhos escolares. Essa moderna teoria derivou da antiga Teoria da Motivação à Realização de Lewin, Murray, MacClelland e Atkinson. As duas teorias exploram o que chamamos motivação à realização, noção que assiste a relação entre motivação e metas ou objetivos, como conseguir sucesso, evitar fracasso, desenvolver a própria competência ou mostrar competência (BZUNECK,

2009, apud, DWECK, 1986). Podemos citar duas diferenças principais entre versão moderna e a tradicional:

- a). Na teoria moderna temos a introdução do termo meta de realização ao invés de motivo da versão tradicional;
- b). Na teoria moderna a motivação não é um traço da personalidade, ou seja, comportamento motivacional muito estável. Na teoria moderna a motivação tem uma estabilidade apenas relativa e poderá sofrer alterações, dadas as interações com o ambiente.

"(...) pode-se considerar sociocognitivista a fundamentação teórica da nova proposta de metas motivacionais por reunir elementos das teorias cognitivas quanto das que enfatizam a contribuição do meio ambiente social (CARDOSO, 2008, p. 44)."

Associadas a Teoria de Metas de Realização temos duas metas principais. "Principais" aqui sugerem que foram as mais estudadas até agora e conseqüentemente possuem larga quantidade de dados para embasamento. São elas: A meta Aprender e a meta Performance. Existem outras metas sendo investigadas, como as metas de natureza social, por exemplo. Entretanto, discutiremos detalhadamente apenas as metas principais. Os nomes ou rótulos associados a essas duas metas aparecem de forma variada na literatura. Cada autor, ao pesquisar em uma área específica foi atribuindo novos nomes a essas duas metas.

"Não obstante a diversidade de rótulos verbais com que foram denominadas essas duas metas, e mesmo levando-se em conta certas diferenças entre os autores na definição da natureza e do funcionamento de cada uma delas, reconhece-se que seus respectivos conceitos apresentam notável convergência semântica (BZUNECK, 2009, p. 60, apud, AMES, 1992; AMES & ARCHER, 1998; ELLIOT, 1997; ELLIOT & HARACKIEWICZ, 1996)."

Por motivos óbvios, trataremos as metas como **aprender e performance**, afim de evitar equívocos ou mal entendidos, assim como o organizador da obra que pauta o trabalho realiza no livro dele. Antes de falar sobre as metas propriamente ditas é importante ressaltar algumas observações (Bzuneck, 2009):

a). As metas são diferentes entre si e buscam uma razão específica pela qual o aluno desenvolveu uma tarefa;

b). A metas não são alvos simples, mas uma rede complexa;

"Como alguns autores propõem, inspirados na informática, cada meta é uma espécie de programa mental composto de processos específicos, pensamentos, propósitos, percepções, crenças, atribuições e conceitos que levam a resultados também de natureza cognitiva, afetiva e comportamental (BZUNECK, 2009, p.60, apud, DWECK & ELLIOT, 1988)."

c). A metas de realização, apesar do nome, não são objetivos "diretos" a serem alcançados. Como tirar uma boa nota em uma avaliação.

"(...) cada meta de realização tem contornos qualitativamente definidos, ao exprimirem o propósito ou o porquê de uma pessoa se envolver em certa atividade. Seu alcance motivacional consiste em explicar, em nível superordenado, por que alguém se esmera por atingir aquelas outras metas, como a de tirar tal nota (...) (BZUNECK, 2009, p. 61)."

Com uma literatura ampla e consolidada é conhecido o modo como os alunos voltados à meta aprender pensam e agem. As principais características de alunos orientados a meta aprender são:

a). O aluno acredita que pode vencer todos os obstáculos ao longo do caminho com a aquisição de conhecimento e melhoria das suas habilidades;

b). O aluno acredita que bons resultados acontecem principalmente pelo esforço empregado, ou seja, ele possui o poder nas próprias mãos e não depende de sorte ou outros fatores externos;

c). Usa técnicas variadas para aprender melhor;

d). Vê bons resultados com orgulho e resultados ruins como alertas para melhorar/modificar as estratégias de estudo.

"Em suma, um aluno descrito como voltado à meta aprender assemelha-se muito a um aluno com motivação intrínseca. As próprias escalas de mensuração dessa meta contêm vários itens representativos da motivação intrínseca. Entretanto, não se trata de constructos idênticos [...] Assim, as mesmas estratégias que promovem a meta aprender estarão conduzindo, ao mesmo tempo, para o desenvolvimento da motivação intrínseca (...) (BZUNECK, 2009, p.62)."

Se por um lado temos as definições e efeitos da meta aprender completamente elucidados e com vários resultados de estudos confirmando-os, o mesmo ainda não ocorreu com a meta performance. Em um primeiro momento poderíamos dizer que há duas vertentes dentro da meta performance. A primeira confere a ela alguns efeitos negativos (BZUNECK, 2009, apud, AMES, 1992; ANDERMAN & MAEHR, 1994; PINTRICH & SCHUNK, 1996) que poderiam ser listados assim:

- a). O aluno utiliza-se de estratégias que garantam apenas um conhecimento básico/raso;
- b). Se o aluno acredita que a tarefa é muito difícil, evita envolver-se nela;
- c). Quando sofre um revés exhibe reações negativas, como: ansiedade, raiva, preocupação;
- d). Anseia por aparentar ser capaz ou pelo menos não incapaz.

O ponto de vista dessa primeira vertente, de certa forma, coloca a meta performance completamente oposta a meta aprender, com isso, seria difícil alunos orientados a meta performance possuir os atributos até então exclusivos dos alunos voltados a meta aprender. Porém outros estudos questionaram com veemência essa visão que rejeitava completamente a meta performance. Esses estudos mostraram que a orientação à meta performance gerou bons resultados acadêmicos em alguns casos.

"(...) de todas as pesquisas disponíveis até o presente, desde as primeiras na área, algumas descobriram efeitos prejudiciais da meta performance, enquanto que outras efeitos nitidamente positivos [...] Essa mescla de resultados contraditórios indica ser necessária uma certa cautela com relação às consequências comportamentais negativas ligadas a meta performance (...) (BZUNECK, 2009, p. 64)"

Aparentemente a relação da Meta Performance x Aprendizagem não era tão simples como se imaginava no início. Bzuneck (2009) ressalta que vários autores tem concordado em separar os dois componentes principais da meta performance, dividindo a mesma em: meta performance-aproximação e meta performance-evitação. A primeira está associada a procurar exhibir-se como o melhor ou estar

entre os primeiros da classe; Já a segunda de evitar figurar-se como incapaz ou entre os últimos da classe. Ele complementa:

"Por conseguinte, no lugar de apenas duas grandes metas de realização, devem hoje ser reconhecidas três metas principais: a meta aprender; a meta performance-aproximação e a meta performance-evitação (BZUNECK, 2009, p. 66, apud, ELLIOT, 1999; ELLIOT & HARACKIEWICZ, 1996; ELLIOT & CHURCH, 1997; ELLIOT & SELDON, 1998; ELLIOT, MCGREGOR & GABLE, 1999)."

Bzuneck (2009) ressalta que os resultados mais importantes desse conjunto de estudos levaram as seguintes conclusões:

- a). Os alunos direcionados à meta aprender mostraram-se: persistentes, esforçados, estudando os tópicos com profundidade, direcionamento nítido a motivação intrínseca, porém a esse grupo não foram atribuídas às melhores notas em provas específicas.
- b). Os alunos direcionados à meta performance-aproximação mostraram-se: esforçados, persistentes e obtiveram as melhores notas em provas específicas, porém os tópicos foram estudados de forma rasa, sem profundidade.
- c). Os alunos direcionados à meta performance-evitação mostraram-se: pouco esforçados, pouco resistentes, tendência à ansiedade que prejudicou, às notas e à motivação intrínseca.

Podemos depreender dessas observações que nenhum padrão motivacional sozinho conseguiu promover todas as características positivas desejáveis. O melhor resultado em todos os sentidos seria alcançado mesclando-se os padrões: meta aprender, com meta performance-aproximação:

"(...) os autores tem sugerido que o melhor padrão auto-regulador nas aprendizagens é o de alunos que adotem simultaneamente aquelas duas metas: de domínio e de *performance-aproximação*, e com exclusão da terceira (BZUNECK, 2009, p. 66, grifo do autor)."

2.3. Organização da escola x Motivação

Apesar da crença que a motivação do aluno está centrada, principalmente em fatores da vida cotidiana do aluno: família, relacionamentos, personalidade, experiências, classe econômica, o que usualmente ocorre é uma soma de todas essas características, contribuindo vigorosamente para isso os fatos que ocorrem na escola (Guimarães, 2009).

Dominar os aspectos que ocorrem na escola que alteram a motivação do aluno pode ajudar muito os professores na forma adequada de atuar. É na escola que eles têm domínio sobre as atividades e podem interferir no processo de maneira extremamente efetiva (Guimarães, 2009, apud, ESPOSITO, 1999; HOY E & HANNUM, 1997). A autora lembra que os outros fatores motivacionais mais relacionados ao cotidiano fora da escola não podem ser menosprezados.

"As pesquisas desenvolvidas descobriram as variáveis relevantes desse contexto que devem ser trabalhadas para levar os alunos a despendem tempo e energia em tarefas que objetivem uma aprendizagem significativa. Incluída nas recentes descobertas está a proposição de que é tarefa do ensino selecionar estratégias, através das quais se possam socializar os alunos a desenvolverem propósitos, metas, expectativas, crenças e emoções que resultem numa motivação positiva para a aprendizagem (GUIMARÃES, 2009, p. 79)."

Guimarães (2009, apud, RYAN & STILLER 1991) lembra que a escola é ambiente de socialização cultural onde os alunos, além de desenvolverem-se intelectualmente, criam laços e aprendem lições afetivas que perduram. É necessário criar um ambiente que estimule a participação e o crescimento de todos, bem como atender suas expectativas pessoais. A autora complementa, defendendo que as atitudes do professor determinam o esforço, o envolvimento, a forma de pensar e o comportamento dos alunos.

Guimarães (2009) cita que diversos autores (AMES, 1990, 1992; MAEHR E ANDERMAN, 1993; MAEHR & MIDGLEY, 1991; WOOLFOLK, 2000; PINTRICH E SCHUNK, 1996) utilizando um anagrama desenvolvido por Epstein, ressaltaram seis características do ambiente escolar nas quais o professor tomará decisões que poderão alterar a motivação do aluno, resumidos na Tabela 1.

| Tabela 1 – Anagrama de Spstein (Controle do professor sobre atividades escolares). | | |
|--|---|--|
| Área | Foco de atenção | Objetivos |
| Tarefa | O planejamento e a estrutura das tarefas ou atividades que os estudantes são solicitados a fazer. | Aumentar a atração intrínseca das tarefas de aprendizagem, torná-las significativas, despertar a curiosidade, desafio, fantasia e proporcionar controle. |
| Autoridade/Autonomia | A participação dos estudantes nas decisões sobre a escola e a aprendizagem. | Promover liberdade adequada para os estudantes fazerem escolhas e assumirem responsabilidades. |
| Reconhecimento (valorização) | A natureza e o uso do reconhecimento e atribuição de recompensas na situação escolar. | Promover oportunidades para que todos os estudantes sejam reconhecidos pela aprendizagem, enfatizar o esforço e o progresso na obtenção de uma meta, a busca de desafios e inovações. |
| Agrupamento (<i>grouping</i>) | A organização da aprendizagem e das experiências escolares. | Construir um ambiente de aceitação e apreciação para todos os estudantes. Promover uma ampla interação social, particularmente com os estudantes em risco de fracasso. Propiciar o desenvolvimento de habilidades sociais. |
| Avaliação | A natureza e o uso da avaliação e dos procedimentos avaliativos. | Tratar a avaliação como parte do processo de ensino-aprendizagem, fornecer amplas informações sobre o desempenho e estratégias de aprendizagem, utilizar padrões autorreferenciados. |
| Tempo | A agenda do dia escolar. | Utilizar as tarefas de aprendizagem e as necessidades dos estudantes para organizar a agenda. |

O anagrama de Epstein ou "TARGET", nada mais é do que a união da primeira letra de cada uma das seis características (*task, authority/autonomy, recognition, grouping, evaluation* e *time*) que podem ser trabalhadas pelos professores, a palavra formada (*target*) curiosamente significa alvo em português.

A Tabela 1 (Anagrama de Epstein) resume muito bem os pontos-chaves que podem/devem ser trabalhados pelos professores para melhorar a motivação dos alunos (em relação à organização escolar). Guimarães (2009) nos lembra que esses fatores não são excludentes e devem ser trabalhados em conjunto. Por exemplo, é totalmente viável que a autonomia seja trabalhada no tempo (agenda da classe), e depois ou simultaneamente empregada nas tarefas. Que o reconhecimento seja utilizado na avaliação e assim por diante. Portanto, em uma escola com a cultura voltada para promoção da motivação, será relativamente fácil, encontrar múltiplas ligações entre os tópicos listados na Tabela 1.

Entretanto, devemos tomar cuidado ao afirmar que o professor, apesar de ter controle sobre as ações na sala de aula, pode mudar a atitude dos alunos em qualquer situação ou em qualquer tempo. Como foi afirmado anteriormente, a motivação dos alunos é influenciada por uma complexa rede de fatores internos e externos, e não podemos/devemos ignorar o que ocorre fora da escola. Será mais difícil direcionar à motivação positiva um aluno que tem graves problemas sociais/pessoais fora da escola. Imagine por exemplo um aluno que está lutando contra algum vício, ou com problemas na família.

Sisto (2009) lembra que direta ou indiretamente todo aluno está sobre a "influência" das decisões que regem a escola, usualmente tomada pelos diretores e coordenadores. Desse jeito um professor sozinho que tentar motivar seus alunos encontrará dificuldades, por não ter apoio da política da escola como um todo.

2.4. Inteligência x Motivação

"A inteligência exerce uma influência enorme na motivação para aprender de alunos. O esforço, principal indicador da motivação, só é utilizado pelo estudante para ultrapassar suas próprias dificuldades ou para se engajar em situações novas ou desafiantes caso este acredite na sua própria capacidade de obter êxito (BORUCHOVITCH, 2009, p.96)."

Segundo Boruchovitch (2009, apud, DWECK & BEMPECHAT, 1983) podemos citar dois tipos de teorias sobre a inteligência: a inteligência como traço da personalidade do indivíduo e a visão onde a inteligência pode ser treinada/trabalhada.

No primeiro ponto de vista, a inteligência possui uma quantidade fixa, ou seja, é um objeto estável nos indivíduos, podendo aparecer em maior ou menor quantidade, sendo que, quanto maior, melhores as chances da pessoa ser bem-sucedida. No segundo ponto de vista, a inteligência pode ser aprimorada com esforço e treinamento.

"Embora as definições de inteligência variem de acordo com os psicólogos e suas filosofias, pode-se dizer que, em geral, a inteligência é vista como a capacidade ou um conjunto de capacidades que permite ao indivíduo aprender, resolver problemas e interagir com sucesso no ambiente (BORUCHOVITCH, 2009, p. 97, apud, DEMBO, 1994)."

Existe uma farta literatura discorrendo sobre as teorias da inteligência. Como não faz parte dos objetivos deste trabalho refletir/discutir sobre teorias da inteligência, nos absteremos dessa reflexão/discussão. Todavia, uma perspectiva quanto ao estudo da inteligência humana será de grande valia para nosso objeto de estudo (A perspectiva do processamento da informação).

Boruchovitch (2009, apud, STERNBERG, 1985; 1998; ALMEIDA, 1992) lembra que estudiosos, acreditam que a inteligência humana não é só treinável (princípio da Teoria do Processamento da Informação) como também poderá progredir facilmente quando ensinada adequadamente. "(...) hoje acredita-se que as oportunidades educacionais podem, certamente, maximizar a capacidade de aprender do indivíduo (BORUCHOVITCH, 2009, p.110, apud, ALMEIDA, 1992)". Essas palavras deixam ainda mais clara a importância da escola nos dias atuais. Podemos dizer que de certa forma um mito foi desfeito. Em algumas situações escolares, para esquivar-se de sua parcela de culpa no processo, o professor simplesmente assinalava que: "o aluno tinha muita dificuldade" ou pior, "o aluno era burro".

"O ensino e a utilização adequada de estratégias de aprendizagem têm contribuído para ajudar o aluno a aprender a aprender e, portanto, processar armazenar e utilizar melhor a informação. Consequentemente, o estudante consegue desenvolver um maior controle sobre os seus próprios processos de aprendizagem (BORUCHOVITCH, 2009, p.110)".

A citação anterior apesar de curiosa não está incorreta. A palavra aprender aparece duas vezes na segunda linha de propósito. A autora quer nos indagar: como você aprende? Será que suas técnicas de aprendizagem não estão equivocadas ou ultrapassadas? Será que você não precisa aprender a aprender novamente?

Boruchovitch (2009, apud, CLARK, 1990) reitera: a atribuição dos educadores deve extrapolar a mera transmissão das matérias, mas deve contemplar também a escolha adequada de estratégias para que os alunos possam aprender/construir os conhecimentos da melhor maneira possível, mesmo se porventura possuírem alguma dificuldade naquele conteúdo.

Qual o propósito de estudarmos análise sintática? E termodinâmica? E a Guerra dos Canudos? Essa discussão é muito complexa, e como não é um objetivo do trabalho, não aprofundaremos a reflexão sobre ela, mas muitos autores defendem que nossa educação deveria ser mais voltada para a aplicação prática do conhecimento no nosso cotidiano (BORUCHOVITCH, 2009, apud, GARDNER, KORNHABER, WAKE, 1998; STERNBERG, 1998). Imagine como exemplo: Um Físico, especialista em termodinâmica que se perdeu do grupo numa aventura e precisa fazer uma fogueira para sobreviver à noite fria. Apesar de ser um especialista em sua área, o conhecimento dele pode não estar voltado para situações do cotidiano, ou seja, ele vai sentir muito frio. Conectar os conhecimentos construídos na escola com o cotidiano é o mínimo que um professor poderia se preocupar em fazer, independente da estratégia de ensino.

3. FERRAMENTAS MOTIVACIONAIS

"Como a motivação no âmbito escolar apresenta-se atualmente como um dos mais sérios problemas enfrentados pelas escolas, pode-se inferir que o trabalho com estratégias de aprendizagem apresenta-se como um caminho seguro para motivar o aluno a aprender e, conseqüentemente, para a consecução de um processo de ensino e aprendizagem efetivo e qualitativo (MAIESKI, 2011, p.54)."

Nesse sub-tópico refletiremos um pouco sobre as ferramentas que podem ser utilizadas pelos professores como instrumentos que direcionem os alunos à motivação intrínseca e à meta aprender. Porém o que é mais importante: a ferramenta a ser utilizada, ou a forma como a ferramenta é utilizada? Seria impossível esgotar a discussão sobre esse assunto com um capítulo de uma monografia. Porém pense no exemplo: um martelo pode ajudar o trabalhador a realizar suas atividades, mas se utilizado incorretamente, poderá causar danos ao trabalhador. Não podemos tentar usar um martelo para cortar uma tábua e esperar um bom resultado disso.

Muitas vezes é atribuído um alto valor a essa ou aquela ferramenta, quando na verdade a forma como ela é utilizada está equivocada. Certamente a maneira de utilizar essas ferramentas no processo de ensino-aprendizagem tem um peso tão alto quanto à ferramenta em si. Acreditamos que, antes de selecionar uma ferramenta que julgue adequada, o professor precisa tomar alguns cuidados, como cita Guimarães (2009):

- a). O aluno precisa de razões significativas para prestar atenção e se envolver na atividade, normalmente melhorando ou criando novas habilidades;
- b). O conteúdo está ligado a interesses pessoais do aluno;
- c). A atividade não deve ser muito longa, assim o aluno perceberá que se esforçando é possível terminar a tarefa;
- d). Ao propor uma atividade devem-se esclarecer exatamente os objetivos dela, ou seja, quais resultados esperam-se alcançar.

"(...) os professores raramente informam às crianças o porquê de realizar uma tarefa (...) descobriu-se que nenhum professor informou sobre seus objetivos e que apenas 3% demonstrou algum entusiasmo pessoal pela atividade ou relacionou-a ao interesse dos alunos. Ao contrário, estes foram alertados para que não criassem expectativas de gostar do trabalho, ficassem atentos a escassez do tempo, preocupassem-se com as avaliações subsequentes (...) (GUIMARÃES, 2009, p. 83, apud, BROPHY, 1983)."

A autora nos indaga: "Como esperar que os alunos se animem para iniciar um trabalho e que persistam nele, se a fala do professor salienta apenas seus aspectos negativos (GUIMARÃES, 2009, p.83)?"

A resposta é um tanto quanto lógica e não é necessário ser especialista no assunto para conhecê-la. Provavelmente os alunos não irão se interessar nem participar de uma atividade, cujo professor ao apresentá-la, mostrar apenas seus pontos negativos. Não podemos generalizar os dados percentuais apontados naquele estudo, mas serve de alerta. Outra consideração importante: os quatro "cuidados" citados acima por Guimarães (2009) são "genéricos" e podem ser aplicados numa ampla gama de atividades, bem como algumas ferramentas e atividades precisem de adaptações e/ou "cuidados" específicos.

Independente da estratégia motivacional utilizada seria prudente ter as palavras seguintes como lembrete da importância do trabalho em equipe:

"Um fator de facilitação, porém crucial para o êxito nessa empreitada, é o envolvimento da escola como um todo. Isto é, exige-se que todos na escola - professores, a direção e a equipe de apoio pedagógico - atuem de forma uníssona na mesma direção. Num ambiente de cooperação e de outras interações positivas, o esforço e as iniciativas de cada professor, individualmente, terão mais eficácia em função do clima de apoio que cada um representa para seus pares. Ademais, as reações dos próprios alunos, sobretudo em termos de envolvimento com a aprendizagem, resultarão de suas percepções do tipo de cultura da sua escola e não apenas do que faz cada professor em classe (BZUNECK, 2009, p.31, apud, MAEHR & MIDGLEY, 1991)."

Aqui a reflexão pessoal é muito importante: quais escolas por onde passamos nos marcaram? Houve alguma que difundia uma cultura voltada à motivação intrínseca e à meta aprender? Os professores, a coordenação e as equipes de apoio trabalhavam de forma conjunta?

3.1. Melhorando a motivação na sala de aula

"(...) foram apresentadas características comportamentais e de desempenho de alunos motivados intrinsecamente ou voltados para a meta aprender. Inúmeras pesquisas têm revelado que tais orientações motivacionais estão relacionadas à valorização da aprendizagem, persistência frente às dificuldades, busca de conhecimento, desafios, em suma ao interesse pelo crescimento intelectual (GUIMARÃES, 2009, p.78)".

A motivação não pode ser praticada como uma habilidade, mas é produto de socialização através estratégias de ensino (GUIMARÃES, 2009). É importante esclarecer onde está situado o problema de motivação para refletir posteriormente em suas soluções:

"Problemas de motivação estão *no* aluno, no sentido de que ele é o portador e o maior prejudicado. Mas isto não significa que ele seja o responsável, muito menos o único, por essa condição. Assim, não seria correto generalizar que a motivação ou seus problemas são *do* aluno. Há uma convergência de resultados de pesquisas que atestam que tanto a motivação positiva e desejável como a sua ausência ou distorção têm a ver com determinadas condições ambientais. Mais especificamente, resultam de complexas interações entre características do aluno e fatores de contexto, sobretudo em sala de aula (BZUNECK, 2009, p.24, apud, AMES, 1992, BROPHY, 1983; PARIS & TURNER, 1994, grifo do autor)."

Como advento da globalização, hoje, os alunos possuem uma infinidade de opções de "lazer", que facilmente poderiam distraí-lo e ou desmotivá-lo no que diz respeito à escola, como: internet e todas as suas possibilidades, TV, celular, cinema, jogos, esporte, relacionamentos afetivos, e tantos outros que juntos, só reforçam a importância e necessidade de estudar metodologias de como motivar os alunos no âmbito escolar. Os itens listados podem facilmente funcionar como distração para muitos alunos. Porém imagine-se agora em uma aula multidisciplinar, contextualizada e com variados recursos audiovisuais e/ou com acesso a internet com todos os seus recursos e ferramentas para auxiliar os alunos. Parece que agora, tomando como aliados os recursos que pareciam distrair os alunos, está mais fácil competir como mundo fora da escola não é mesmo?

Lembram-se da anedota do "homem congelado" por 50-60 anos? Muitos dos recursos disponíveis para a "escola do futuro" citados no parágrafo anterior poderiam ser utilizados de maneira mais efetiva e em maior escala, para

aumentar/melhorar a motivação e conseqüentemente o processo de ensino-aprendizagem.

Apresentamos, no Capítulo 3, seis fatores que podem ser trabalhados pelos professores (Tabela 1), para direcionar os alunos à motivação intrínseca e à meta aprender, na sequência apresentaremos com detalhes, o fator de número um (Tarefas). Como já foi ressaltado, a maior parte do tempo do aluno na escola é gasto em tarefas/atividades, por isso, acreditamos ser importante detalhá-lo.

O celular, a internet, a televisão, etc. precisam ser enxergados como recursos pedagógicos e não como vilões. Mais do que isso, além da mudança na visão é mandatória uma mudança na atitude de todos os profissionais envolvidos na vida escolar dos alunos. Utilizar esses recursos poderia motivar muito os alunos, já que os próprios alunos têm amplo acesso aos mesmos. A lista de atividades que podem ser relacionadas/conectadas com esses recursos (até então tidos como vilões) é muito grande e incluem: teatro, música, jogos diversos, pesquisa, etc.

"Diversificar o planejamento das **atividades de aprendizagem** também é uma aspecto crucial para a motivação dos alunos (GUIMARÃES, 2009, p. 83, grifo nosso)." Lembra-se do martelo? Às vezes precisamos do alicate, da serra ou da chave de fenda, não podemos utilizar o martelo em todas as situações. A autora (GUIMARÃES, 2009, apud PINTRICH & SCHUNK 1996) indica quatro princípios, comprovados em pesquisas, que as tarefas devem apresentar para direcionar os alunos a motivação intrínseca: Desafio, curiosidade, controle e fantasia.

a). Desafio - Perceber-se competente é um dos pontos principais da motivação intrínseca. Propor desafios aos níveis atuais dos estudantes pode favorecer sua motivação, mas observando-se o seguinte: que esses desafios possuam um nível intermediário de dificuldade. Caso a atividade seja muito difícil, os alunos poderão ficar preocupados em não concluí-la. Por outro lado se a atividade for muito fácil, os alunos poderão sentir-se entediados.

b). Curiosidade - Provocar surpresa com fatos novos normalmente estimula a motivação, já que os alunos buscarão no conhecimento adquirido previamente uma conexão com o fato novo. Assim como no ponto anterior, o nível de divergência entre o conteúdo anterior e os fatos novos não pode ser excessivamente alto, sob

pena dos alunos não conseguirem encontrar "a conexão" ou encontrá-la muito rapidamente.

c). Controle - Entender que o processo de aprendizagem depende do seu esforço normalmente direciona os alunos à motivação intrínseca. "(...) ter a oportunidade de ser ouvido e de fazer escolhas pode facilitar a motivação do estudante para envolver-se em uma atividade (GUIMARÃES, 2009, p. 85)."

d). Fantasia - Jogos, dependendo do seu tipo e aplicação, podem fomentar diversas características positivas nos alunos como: Criatividade, raciocínio lógico, atenção, agilidade mental, trabalho em equipe, entre outros. Além de direcionar a motivação intrínseca.

3.2. Motivação e o uso do lúdico

"Apresentar aos alunos jogos ou simulações que envolvam fantasia ou o faz-de-conta pode ser muito favorável para a motivação, ao promoverem satisfações vicárias que não ocorreriam facilmente em situações reais. Por exemplo, descobrir a localização de um tesouro pirata por ter conseguido resolver um enigma gera muito mais satisfação do que acertar alguns cálculos matemáticos (GUIMARÃES, 2009, p. 85)."

No tópico anterior refletimos sobre alguns pilares que toda atividade deverá possuir para orientar os alunos à motivação intrínseca e à meta aprender. O último deles (Fantasia/jogos) encaixa-se muito bem no que discutimos a seguir.

Hoje muito se discute sobre a utilização do lúdico na educação, e diversos estudos demonstram como essa ferramenta pode ser benéfica ao processo de ensino-aprendizagem quando bem explorada. Segundo Cardoso (2008, apud, BRENELLI, 1996) a ideia e a relevância de crianças aprenderem com brincadeiras e jogos é muito antiga e iniciou-se com os gregos e os romanos. Ainda segundo a autora apenas com FROEBEL o lúdico realmente passou a fazer parte da educação (com uma teoria bem fundamentada), é necessário muito cuidado quanto à utilização dessa ferramenta, pois a utilização dos jogos apenas para gerar alegria/diversão poderia prejudicar a criança e também o método/ferramenta de ensino.

Segundo Crespo (2014, apud, KISHIMOTO, 2010b) os jogos podem ser classificados de duas maneiras quando olhamos sob a ótica dos jogos no ensino: educativos e didáticos. Eles são educativos quando desenvolvem e ensinam de forma alegre e prazerosa. Já os jogos didáticos almejam transmitir algum conhecimento ou habilidade específica para o indivíduo.

A autora complementa que o jogo didático geralmente é educativo, porque possui ações que geram alegria e satisfação, porém ressalta que nem sempre jogos educativos são didáticos, e o exemplo a seguir deixa nítida a diferença entre eles:

"(...) o jogo de memória ou o de quebra-cabeças. Estes são educativos, pois a partir deles, as crianças desenvolvem habilidades como concentração, organização, manipulação, cooperação, dentre outras. Um jogo didático, além das características anteriores citadas para os educativos, deve também possibilitar a aprendizagem de algum conceito. Assim, podemos ter por exemplo, um jogo de memória que relaciona fórmulas químicas com seus respectivos nomes como o jogo memoquímica (Cunha, 2000) que, nesse exemplo, tem as características de um jogo educativo (jogo de memória) e no qual lhe é acrescida a função didática, ou seja, a aprendizagem de conteúdos e/ou conceitos. Dessa forma, os jogos didáticos têm função relacionada à aprendizagem de conceitos, não sendo uma atividade totalmente livre e descomprometida, mas uma atividade intencional e orientada pelo professor (CRESPO, 2014, p. 38-39, apud, CUNHA, 2014, p. 95)."

Esses dois estudos (Crespo, 2014 e Cardoso, 2008) confirmam a possibilidade do uso do lúdico como ferramenta para melhoria da motivação e consequentemente do processo de ensino-aprendizagem, muitos outros poderiam ser citados.

O primeiro estudo (Crespo, 2014) não analisou a motivação intrínseca ou a meta aprender diretamente, porém observamos claramente nos resultados, alunos motivados intrinsecamente e voltados à meta aprender. Nesse estudo foram implantadas ludotecas de Química em escolas públicas com o intuito de observar se haveria melhoria na aprendizagem dos alunos. Os jogos didáticos eram fabricados pela professora/pesquisadora e ficavam à disposição para empréstimo na própria escola (como uma biblioteca empresta livros). Alguns jogos foram criados e outros foram adaptados, como por exemplo: jogo de memória, palavras cruzadas, bingo, entre outros. A preocupação com a formação continuada dos professores foi também um aspecto singular do primeiro estudo, como já foi citado nesse trabalho,

os problemas motivacionais estão no aluno, mas isso não quer dizer que ele é o único responsável por isso. A formação continuada ajuda a quebrar alguns paradigmas da "escola tradicional" e poderá ajudar os professores a inovarem e motivarem seus alunos.

O segundo estudo (Cardoso, 2008) não foi tão amplo como o primeiro (aplicado em apenas uma escola contra cinco no primeiro estudo), porém observou a motivação de forma mais direta. Os resultados desse também confirmam o uso do lúdico como ferramenta valiosa para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem. Nesse estudo a professora/pesquisadora utilizou partidas de RPG - *Role Playing Game*, jogo de interpretação de personagens em português - a fim de auxiliar na aprendizagem da disciplina História. Nesse jogo cada pessoa/jogador interpreta um personagem dentro de um cenário fictício específico e fica a cargo de uma pessoa narrar a aventura do grupo.

O capítulo anterior desse trabalho deixou muito claro o lugar do lúdico quando tratamos da motivação do aluno: é um fator que pode/deve ser explorado, mas é apenas uma atividade, dentro de um conjunto de atividades que podem ser desenvolvidas. Lembramos isso não para diminuir a importância do mesmo, pelo contrário, o objetivo dele é alertar os professores que, para motivar os alunos, será necessário utilizar aquela ferramenta em conjunto com todos os outros parâmetros motivacionais (autoridade, reconhecimento, agrupamento, avaliação, tempo, desafio, curiosidade e controle) direta ou indiretamente.

Seria difícil para um professor ou recurso pedagógico sozinho mudar a realidade de uma classe ou escola, por isso, reiteramos a necessidade de que, ao introduzir o uso do lúdico nas salas de aula, o trabalho seja feito em conjunto com toda a escola. Como já foi citado: as atividades desenvolvidas por cada professor quando amparadas por toda a escola tem um efeito individual muito superior, caso fossem desenvolvidas isoladamente. Deve ser realizado um grande trabalho em equipe para motivar os alunos, ou seja, direcioná-los para a motivação intrínseca e para meta aprender.

"É importante ressaltar que o emprego de jogos didáticos não é o único recurso de ensino e aprendizagem, mas funciona como recurso de ensino lúdico complementar. Para isso, o professor deve estar sempre atento aos objetivos que pretende alcançar para as atividades não perderem a função lúdica e educativa (CRESPO, 2014, p. 213-214)."

3.3. Dois educadores brasileiros e um mesmo ideal

"Num momento histórico [...] em que educadores cada vez mais acreditam que aprender não é transferir conhecimentos acumulados, pois envolve a construção de significados que se dá na interação entre alunos e professores, torna-se claro que a aprendizagem só ocorre eficazmente se a motivação adequada para aprender for desenvolvida, desde cedo, nos estudantes (BORUCHOVITCH, 2009, p.112, apud, BRONSON, 2000)."

A citação acima não foi retirada de um livro de pedagogia, mas parece que Bronson (2000) se inspirou em um para escrevê-las. Buscaremos a partir desse ponto, possíveis conexões entre a motivação escolar e os pensamentos de Rubem Alves e Paulo Freire.

Rubem Alves reflete sobre a utilidade/praticidade do conhecimento humano com tanta clareza e paixão, que poderia deixar até o mais cético constrangido. Ele propõe algumas metáforas fascinantes, que nos ajudam a entender melhor essa separação entre o "senso comum e a ciência", a qual ele discorda veementemente. Ele nos lembra que uma pessoa sensata planta uma horta, que dá bom alimento para saciar o corpo, mas também planta um jardim que com seus cheiros, cores e formas alimentam a alma. Ele também propõe que todo conhecimento pode ser dividido em "duas caixinhas": a de ferramentas e a de brinquedos (ALVES, 2008b).

"Nisso se resume o programa educacional do corpo: aprender "ferramentas", aprender "brinquedos". "Ferramentas" são conhecimentos que nos permitem resolver os problemas vitais do dia-a-dia. "Brinquedos" são todas aquelas coisas que, não tendo nenhuma utilidade como ferramentas, dão prazer e alegria à alma (...) (ALVES, 2008b, p. 32)."

Nos capítulos anteriores ressaltamos diversas vezes que quando o conhecimento está completamente destituído de interação com o cotidiano dos alunos, é provável que os mesmos não se interessem e/ou motivem como poderiam, essas palavras ganham eco na afirmação de Reblin (2012, apud, ALVES, 2008b):

"Educar não é programar, mas preparar pessoas para viver melhor [...] ir além dos limites estreitos da repetição, da rotina, do jogo de perguntas e respostas programadas sem vínculo com o dia-a-dia, como se igualmente, existisse uma alternativa única para cada problema (REBLIN, 2012, p. 1190, apud, ALVES, 2008b)."

Outro ponto de convergência entre o pensamento de Rubem Alves e a motivação intrínseca/meta aprender está na forma como o currículo escolar é organizado. Para o autor o conhecimento deve estar a serviço das pessoas e não o contrário, sendo assim, o currículo escolar poderia/deveria ser mais versátil. Assim, o aluno poderia direcionar seus esforços para aquilo que deseja aprender (REBLIN, 2012, apud, ALVES, 2008). Isso é consonante aos "princípios" previamente elucidados que dizem respeito à motivação intrínseca/meta aprender como:

- Sentir-se ativo no processo de construção do conhecimento; Autoridade/Autonomia
- Participar das decisões e assumir responsabilidades.

As contribuições de Paulo Freire para a educação no Brasil e no mundo são incomensuráveis, seria impossível refletir sobre toda sua obra nesse curto espaço. Tomaremos apenas alguns pensamentos do autor que julgarmos estar correlacionados ao tema desse trabalho.

Os escritos do autor sempre permearam a educação de forma crítica e profunda. Mesmo reconhecendo o papel de toda a sociedade na formação, tanto pedagógica quanto de caráter dos alunos, ele concedeu lugar de destaque ao professor. Muitos de seus pensamentos poderiam ser interpretados como, "um manual de instruções para o professor", seja ele novato ou não. Conforme citamos previamente, problemas motivacionais estão no aluno, e normalmente, todos os envolvidos são responsáveis por isso. Se o professor, é um dos "atores principais" nesse enredo, podemos supor que, problemas motivacionais nos alunos passam por problemas motivacionais nos professores.

As palavras de Freire corroboram o pensamento do também já citado Rubem Alves quando o assunto é correlacionar o conhecimento construído com a realidade:

"Porque não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina [...] Porque não estabelecer uma necessária "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos (FREIRE, 1996, p. 17)?"

A curiosidade, um dos aspectos já citados como fundamental para que as tarefas direcionem os alunos à motivação intrínseca e à meta aprender, tem ponto comum com o pensamento de Freire (1996), ele nos lembra que um professor sem

curiosidade não ensina nem aprende, e adverte: "(...) o educador que, entregue a procedimentos autoritários ou paternalistas que impedem ou dificultam o exercício da curiosidade do educando, termina por igualmente tolher sua própria curiosidade (FREIRE, 1996, p. 51)."

Encontramos no ponto autoridade/autonomia outro eco com a voz de Freire (1996), ele comenta que é impossível alguém "ensinar" autonomia para alguém, é preciso aprender tomando decisões. Um aluno que não pratica a autonomia, independente do motivo (autoritarismo do professor, pais, etc.), não aparecerá maduro da noite para o dia.

"A gente vai amadurecendo todo dia, ou não [...] É nesse sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiência respeitosa da liberdade (FREIRE, 1996, p. 67)."

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos ter contribuído com o processo de ensino e aprendizagem ao apresentar uma revisão que visa discutir/refletir sobre a motivação no âmbito escolar. É de vital importância, que o corpo docente considere a motivação dos alunos quando no planejamento e na execução das tarefas escolares. Não só os professores, mas todos os envolvidos no processo de ensino (coordenação, equipe de apoio, etc.) precisam trabalhar com o olhar na mesma direção.

O tema motivação, até pouco tempo sem muitas referências no âmbito escolar, viu crescer o interesse nesse campo de pesquisa recentemente. Podemos percebê-lo ao constatar que a "moderna" teoria de metas de realização, segundo Bzuneck (2009), tem apenas duas décadas de existência. Evidências de que o assunto merece atenção e mais estudos são os dados até então controversos apontados nos estudos da meta performance.

O tema dessa pesquisa incentiva fortemente à reflexão de nossa prática pedagógica. Todo educador tem esse dever, esse compromisso com a educação, com a construção de um país melhor. Freire (1996) lembra que nenhum educador poderia ter a pretensão de mudar o país a partir da classe que leciona, porém ele mostrará que existe a possibilidade de mudança. Como já foi dito, esse é um trabalho de equipe, e o professor/educador é um dos atores principais. Aliás, como nos lembra Alves (2008b), temos professores aos montes e poucos educadores.

A "reflexão" sobre o uso do Lúdico x Motivação trouxe-me à tona uma lembrança há algum tempo esquecida: "lembro-me de uma professora em especial que se utilizava de jogos para motivar a classe. Tratava-se de algo simples, uma caixa de papelão forrada com algum tecido e com vários "picolés de cartolina" cravados. Cada um continha uma pergunta no verso, a turma se dividia entre meninos x meninas e pronto, a diversão/aprendizagem estava armada. Apesar de ainda ser criança na época (algo em torno de 10 anos), lembro-me claramente de estar motivado para aprender tudo relacionado àquele conteúdo e conseqüentemente ajudar meu time ao máximo durante os jogos, e incentivar/ajudar os colegas que estivessem com dificuldade para melhorar o desempenho do time. O envolvimento de toda a turma (salvo raríssimas exceções) pôde me levar a afirmar,

que naquela ocasião, o jogo educativo direcionou a grande maioria dos alunos à motivação intrínseca e à meta aprender.

Citamos nessa breve revisão bibliográfica dois trabalhos singulares utilizando o lúdico: Crespo (2014) e Cardoso (2008); Acreditamos que uma investigação posterior poderia ser dirigida a investigar um ponto de convergência entre os dois trabalhos citados: Implantação de Ludotecas de Química x Análise da Motivação Intrínseca/Meta Aprender. Nesse estudo poderia ser investigada também a questão que levantamos: Até onde a motivação do aluno depende da motivação do professor?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, p. 1-91, 1981.

_____, R. **Por uma educação romântica**. São Paulo: Papyrus, p. 1-208, 2002.

BORUCHOVITCH, E. **A motivação para aprender de estudantes em cursos de formação de professores**. Porto Alegre, p. 30-38, 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/download/2754/2102>> Acesso em: 07.mar.2015.

_____, E. **Inteligência e motivação**: perspectivas atuais. In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (org.). **A motivação do aluno**: Contribuições da Psicologia contemporânea. Petrópolis: Vozes, p. 96-115, 2009.

_____, E. et al. **Motivação do aluno para aprender**: Fatores inibidores segundo gestores e coordenadores pedagógicos. Campinas, p. 425-442, 2013. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/etd/article/view/5529/pdf>> Acesso em 02.abr.2015.

BZUNECK, J. A. **A motivação do aluno**: Aspectos Introdutórios. In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (org.). **A motivação do aluno**: Contribuições da Psicologia contemporânea. Petrópolis: Vozes, p. 9-36, 2009.

_____, J. A. **A motivação do aluno orientado a metas de realização**. In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (org.). **A motivação do aluno**: Contribuições da Psicologia contemporânea. Petrópolis: Vozes, p. 58-77, 2009.

_____, J. A. **A psicologia educacional e a formação de professores**: tendências contemporâneas. *Psicol. esc. educ.*, Campinas, v. 3, n. 1, 1999. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85571999000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 06.jan.2015.

CARDOSO, E. T. **Motivação escolar e o lúdico: o jogo de RPG como estratégia pedagógica para ensino de História.** 2008. 141 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, 2008.

CRESPO, L. C. **Implantação de ludotecas de química para o ensino médio em colégios públicos de Campos dos Goytacazes e região.** 2014. 409 f. Tese (Doutorado em Ciências Naturais) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciência e Tecnologia, Laboratório de Ciências Químicas. Campos dos Goytacazes, 2014.

FONTANA, Júlio. **A filosofia da ciência de Rubem Alves.** Ciber Teologia Revista de Teologia & Cultura. Paulinas, São Paulo, n. 7, p. 1-11, Set./Out. 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, p. 1-144, 1996.

GUIMARÃES, S. E. R. **Motivação intrínseca, extrínseca e o uso de recompensas em sala de aula.** In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (org.). **A motivação do aluno: Contribuições da Psicologia contemporânea.** Petrópolis: Vozes, p. 37-57, 2009.

_____, S. E. R. **A organização da escola e da sala de aula como determinante da motivação intrínseca e da meta aprender.** In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (org.). **A motivação do aluno: Contribuições da Psicologia contemporânea.** Petrópolis: Vozes, p. 78-95, 2009.

MAIESKI, S. **Motivação de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental: um estudo com alunos brasileiros e chilenos.** 2011. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Comunicação e Artes, Departamento de Educação. Londrina, 2011.

NEVES, E. R. C.; BORUCHOVITCH, E. **A motivação de Alunos no Contexto da Progressão Continuada.** Campinas, p. 77-85, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v20n1/a10v20n1.pdf>> Acesso em: 05.mar.2015.

REBLIN, I. A. **Rubem Alves e a interdisciplinaridade**: Problematizações e perspectivas a partir de uma leitura de “Por uma educação romântica”. Blumenau, p. 1179-1201, 2012. Disponível em: <<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/1179/2246>> Acesso em: 20.fev.2015.

SIQUEIRA, L. G. G.; WECHSLER, S. M. **Motivação para a aprendizagem escolar**: possibilidade de medida. Porto Alegre, 21-31, 2006. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v5n1/v5n1a04.pdf>> Acessado em:02.abr.2015.

SISTO, F. F. et al. Avaliando a satisfação escolar no Ensino Fundamental. In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (org.). **A motivação do aluno**: Contribuições da Psicologia contemporânea. Petrópolis: Vozes, p. 167-182, 2009.

TODOROV, J. C.; MOREIRA, M. B. **O conceito de motivação na Psicologia**. [S.l.], 119-126, 2005. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtcc/v7n1/v7n1a12.pdf>> Acesso em: 22.mar.15.